

Planalto manobra para ampliar a sua maioria

A decisão está confirmada: o presidente Fernando Henrique Cardoso só escolherá seus líderes na Câmara e no Senado depois que as duas Casas do Congresso tiverem definido suas estruturas de comando. Isso não significa apenas a escolha dos presidentes das Mesas, onde Fernando Henrique empenha-se especialmente por Luís Eduardo Magalhães, na Câmara. Significa também a seleção dos líderes de bancadas.

Os novos líderes do Governo terão a missão muito especial de cimentarem a unidade da base de apoio parlamentar, necessária para se aprovar não só as medidas de rotina do Planalto, mas principalmente as emendas constitucionais que representam o programa do Governo. A maioria simples se compõe de 257 deputados e 42 senadores, mas para aprovar emendas são necessários 308 deputados e 49 senadores.

Potencialmente, os seis partidos que apóiam o Governo (PSDB, PFL, PTB, PMDB, PP e PL) contam com 62 senadores e 340 deputados no próximo Congresso, que se empossa no dia 1º de fevereiro. É mais do que o suficiente. Mas, os líderes terão a ingrata missão de garantir seu comparecimento e, principalmente, de atender as reivindicações que lhes garantam o voto favorável.

Mesmo antes da sua posse, dois nomes eram sempre apontados como fortes candidatos a líder do Governo na Câmara: o gaúcho Germano Rigotto e o paulista Luiz Carlos Santos. Nos últimos tempos, fortaleceu-se a opção pró Luiz Carlos Santos, embora ainda não se possa descartar as chances do gaúcho Rigotto, considerado uma das revelações desta legislatura.

Em conversa com importante senador do PMDB, o presidente Fernando Henrique Cardoso admitiu, antes da sua posse, que poderia preferir Luiz Carlos Santos, mineiro que faz política em São Paulo. "Eu já conheço as malandragens dele", brincou Fernando Henrique com este senador.

Rigotto ocupa a primeira vice-liderança do PMDB na Câmara e tem o apoio do governador Antônio Britto e do senador Pedro Simon. O que pode fortalecer Rigotto para a liderança do Governo na Câmara seria a eleição, como líder do

PMDB, do deputado paulista Michel Temer, cujo nome passou a contar com as simpatias do presidente do partido, Luiz Henrique.

Um paulista na liderança do PMDB e outro na liderança da bancada seria demais, segundo muitos parlamentares, considerando que há oito paulistas dominando a Esplanada dos Ministérios. O próprio Luiz Carlos Santos não esconde suas preocupações com a hipótese de vitória de Michel Temer, embora seu amigo e companheiro de bancada do PMDB paulista.

Até hoje, não se criou nenhuma nova alternativa para a liderança do Governo na Câmara. Os dois únicos nomes falados inclusive no Governo são de Santos e Rigotto. Porém, ainda faltam pelo menos vinte dias para que chegue a oportunidade da decisão do Presidente, o que é um tempo que pode permitir o aparecimento de outro ou de outros nomes.

No Senado, o nome mais forte para ocupar a liderança do Governo, até entre senadores do PSDB, é o do pefelesta capixaba Élcio Álvares, um parlamentar bem articulado que tem bom trânsito em todas as correntes políticas da Casa e não provocou atrito com quem quer que seja.

Élcio já funcionou como vice-líder do Governo de Pedro Simon e era o homem que supria uma deficiência do ex-líder de Itamar: era ele quem lutava junto ao Governo pelo encaminhamento do varejo dos senadores que ajudavam Itamar ali, uma vez que Pedro Simon se recusava a desempenhar esse papel indispensável.

Na prática, Élcio já vem agindo como novo líder do Governo. Foi ele, por exemplo, quem ocupou a tribuna para ajudar na quebra do impasse na indicação de Péricio Arida para o Banco Central. No entanto, o absoluto silêncio do Planalto impacienta seus amigos: até agora ninguém deu qualquer sinal a respeito da escolha.

Enquanto isso, os tucanos se agitam. Artur da Távola lembra que Fernando Henrique, quando foi ao Rio pedir votos para sua eleição ao Senado, anunciou aos eleitores que seria ele o líder. Teotônio Vilela Filho, após oito anos de hibernação, entrou na briga para valer e, se não for líder da bancada, pode disputar a liderança do Governo.